

A CASA TOMBADA

Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

**Curso de pós graduação A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e
conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis – abordagem antropológica
nas pesquisas com crianças**

EDILAINE BALBINO NOGUEIRA

A escola pelo olhar das crianças

O que pensam as crianças sobre a escola?

São Paulo
2020

Trabalho realizado sob a orientação da Prof^a Dra. Maria Alice Proença, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato Sensu "A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis."

São Paulo, 26 de junho de 2020.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por essa oportunidade, por sua bondade e sustento nesse processo.

A meu esposo Carlos e filhos Pedro e Felipe pelo apoio e compreensão nos momentos de ausência e dedicação a este estudo.

Felipe, por me ensinar a escutar e olhar de maneira diferente para a vida, por seus pensamentos filosóficos e também para as suas necessidades e das outras crianças.

À minha família, mãe, pai, irmãos, cunhados e cunhadas, sobrinhos por todo amor.

Gratidão à minha amiga Telma que sempre me inspira, ensina e incentiva, minha parceira de vida que admiro tanto por sua humanidade e sabedoria. Sou grata por sua confiança e por acreditar em meu potencial.

À minha parceira, Luciana pelo incentivo diário e por não me deixar desistir.

Mary, minha amiga de perto, gratidão. Por tantos conselhos e por me permitir voar.

Fabi e Leila, companheiras nessa trajetória e que admiro tanto, carinho imenso tê-las por perto neste percurso.

Ao amigo e parceiro Fábio Monteiro, por acreditar em meu potencial, pelas palavras de incentivo, agradeço por ser fonte de inspiração para meu percurso de estudo e formação.

À querida Maria Alice Proença, que acolheu com tanto cuidado e afeto as minhas palavras e registros e que me auxiliou neste caminho.

Agradeço à Adriana Friedmann, por sua presença constante, seu rigor e doçura.

Finalmente minha imensa gratidão a todas as crianças que participaram dessa pesquisa, que com empatia e vivacidade próprias da infância trouxeram mais alegria a minha escrita e aceitaram o desafio.

Estendo minha gratidão às suas famílias tão queridas e parceiras pela confiança e por me permitir o acesso às crianças!



A criança não pensa nem melhor, nem pior que o adulto; ela pensa de modo diferente. A nossa maneira de pensar é feita de imagens um pouco apagadas e de sentimentos empoeirados. A criança pensa com seus sentimentos, não com sua inteligência. Isso dificulta a nossa comunicação com ela, e não há, provavelmente, arte mais difícil que a de falar com crianças... As crianças têm dificuldade em expressar o que sentem e pensam, porque é necessário fazê-lo com palavras. É mais difícil ainda escrever. As crianças são poetas e filósofos.

Janusz Korczak

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar o olhar das crianças da Educação Infantil e do 1º ano do Ensino Fundamental sobre a escola e seu cotidiano, revelar o que pensam sobre ela e de que maneira a conceituam e representam simbolicamente em diversos contextos, inclusive em situações de confinamento. A ideia é obter informações por meio do diálogo, de desenhos e da escuta de crianças entre 5 e 6 anos de idade que poderão expressar seus pensamentos e conceitos, considerando-se as suas múltiplas linguagens.

PALAVRAS CHAVES: *Criança. Escola. Brincar. Escuta .*

ABSTRACT

This work aims to investigate the view of children in Early Childhood Education and 1st year of Elementary Education on the school and its daily life, to reveal what they think about it and how they conceptualize and represent it symbolically in different contexts, including in situations of containment. The idea is to obtain information through dialogue, drawings and listening to children between 5 and 6 years of age who will be able to express their thoughts and concepts, considering their multiple languages.

KEY WORDS: Child. School. Play. Listen.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 CONCEPÇÃO DE CRIANÇA	13
2 CONCEPÇÃO DE ADULTO	17
3 CONCEPÇÃO DE ESCOLA	19
4 METODOLOGIA.....	21
5 O QUE PENSAM AS CRIANÇAS SOBRE A ESCOLA? – ANÁLISE DOS DADOS	23
5.1 ESCOLA QUE SE TRANSFORMA – TEMPO DE CONFINAMENTO.....	35
5.2 COMO AS CRIANÇAS REPRESENTAM A ESCOLA?.....	40
6 CONCLUSÃO.....	50
7 REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos aprendi a escutar, apesar de ouvir perfeitamente; essa habilidade me foi aguçada com maior intensidade no curso *A vez e a voz das crianças* do qual participei desde 2018 na Casa Tombada, em São Paulo.

Tenho um filho que apresenta muitas dificuldades na escola, por apresentar um ritmo diferente justificado por um diagnóstico; um pouco antes do seu ingresso no Ensino Fundamental começou a apresentar algumas falas sobre a escola que destoavam de tudo o que havia vivido no início da Educação Infantil, inclusive sobre tudo o que eu também acreditava. Certo dia, chorando disse que “crianças para serem felizes precisavam de livros e de brincadeiras”. Aquilo me tocou profundamente, porém ainda não compreendia como poderia ajudá-lo, diante de um sistema maçante reproduzido pela escola que na época estava matriculado, com acúmulos de tarefas, ausência da escuta e uma rotina em que os momentos espontâneos para o brincar dificilmente estavam inseridos no planejamento. Ele olhava o que ninguém conseguia ver, a sua percepção sobre o mundo e seu pensamento estavam entremeados e influenciados por muitos sentimentos. A filosofia presente em suas palavras foi um disparador para que eu pudesse realizar novas reflexões, inclusive influenciar e qualificar o olhar e a minha prática pedagógica, tanto na atuação com os professores que coordeno, como com as crianças, e orientações às famílias. Ele valorizava os detalhes do cotidiano, o sol que brilhava mais, o desenho das ranhuras da casca da árvore, o amigo que estava com o olhar só ou triste. Também demorava mais nas brincadeiras e envolvia-se no brincar com a terra, areia, as folhas pequenas; porém tudo isso parecia perca de tempo naquele ambiente e seu corpo, seus movimentos não acompanhavam a rapidez das informações, dos passos e ritmos das brincadeiras cantadas, dos traçados no caderno, da letra cursiva. As negativas sobre a escola começaram a surgir e intensificaram-se a um nível máximo: “Mãe, a escola é uma prisão de crianças”!

Outro provocador me veio à mente: qual o sentido da escola para uma criança? Interferimos tanto neste processo a tal ponto que construam um conceito sobre a ela, sendo de maneira negativa ou positiva? Como compreendem os

envoltórios, os quais estão inseridas, seus contextos e provocações? Como se percebem nesse espaço e o que pensam sobre ele?

Segundo Hoyuelos,

Temos que ajudar as crianças a construir imagens e palavras que não estão no dicionário. Devemos saber que o dicionário é apenas uma centésima parte de uma realidade mais complexa. O que acontece é que as coisas que não se encontram no dicionário, dificilmente são apreciadas na escola, porque não são quantificáveis como valor (2004a, p.312-314).

Observando meu filho, e também as crianças que acompanho diariamente na escola que trabalho como coordenadora pedagógica, me senti impulsionada a compreender melhor o que elas pensam sobre a escola e como traduzem esse lugar que geralmente passam boa parte de suas vidas. Desse modo, escolhi como temática da pesquisa, *A escola pelo olhar das crianças – o que pensam as crianças sobre a escola?* Como constroem os conceitos sobre esse espaço e consequentemente sobre as suas próprias capacidades, mesmo que ainda de maneira tão abstrata.

Considerando a criança como um sujeito em formação, e que existe uma natureza poética natural da infância que precisa ser reconhecida e preservada por meio da escuta e do diálogo, é preciso lembrar que há uma delicada percepção do mundo pequeno, do detalhe, quase sempre despercebido pelo adulto.

Para a sociedade, a escola caracteriza-se como uma instituição importante e de grande valor. Atualmente, a escola para as crianças entre 5 e 6 anos de idade muitas vezes ainda se torna um espaço especial, principalmente por proporcionar a elas a interação e as brincadeiras com os colegas. Desde muito cedo, ingressam nesse ambiente, conduzidas por seus familiares. Uma decisão do adulto por determinado espaço definirá o que ela irá vivenciar por longos anos. Com algumas exceções, há crianças que apresentam algumas dificuldades no período de adaptação e requerem um acompanhamento mais específico; porém outras rapidamente interagem e demonstram bem estar. Porém, será que estamos atentos ao que as crianças pensam ou dizem sobre a escola? O que será que elas pensam ou necessitam? Como a compreendem? Por que algumas crianças se

desinteressam pela escola? Qual o olhar das crianças sobre a escola e sobre o que ocorre nela?

Olhar pela perspectiva das crianças não é tarefa simples. Algumas delas têm a chance de participar da tomada de decisão pela escolha da escola e alguns critérios são revelados logo no momento da matrícula. A concepção ou o espaço em muitas situações são fatores determinantes, principalmente quando a área de lazer é convidativa. Um vasto gramado para correr, um jardim com pedrinhas e um tanque de areia. O que mais uma criança poderia querer e sonhar? Seu corpo livre para o inédito. Um lugar que respeita e reconhece a potência da criança, sua maneira de expressar os saberes e descobertas, como investiga e constrói conhecimento.

Também se torna comum observarmos que muitos espaços são modificados sem levar em consideração o que as crianças pensam ou necessitam, há pouca escuta sobre falas das crianças e sobre o que elas nos indicam por meio das suas múltiplas linguagens.

O modo como a criança estabelece seus vínculos afetivos na escola também pode ser um aspecto importante e que influencia na maneira sobre o que pensam a respeito da escola, dos adultos ou de outras crianças. Geralmente é comum observar crianças que se negam a ir à escola, porque se desentenderam com o melhor amigo no dia anterior e quando tudo se revolve, passam a gostar novamente dessa rotina. Elas sonham com a escola, falam sobre ela antes de dormir, expressam seus desagrados, esperam pelo outro dia, por um momento de brincadeira embaixo da árvore, pelo reencontro com os melhores amigos e olham de uma maneira única para tudo o que foi preparado, revelando de algum modo o que pensam sobre esse espaço.

Frequentemente cumprem uma rotina diária de quatro horas, outras permanecem o dia todo na companhia da equipe pedagógica e, ao final desse tempo, se encontram novamente com seus familiares. Todos os dias, de casa para a escola e vice versa, se estabelece uma rotina. Agora a escola faz parte do cotidiano e de suas vidas.

O desafio por desenvolver uma pesquisa com uma experiência prática de escuta e observação das crianças me foi posto na pós graduação.

Por reconhecer que a criança pensa por meio de imagens, principalmente por metáforas e comparações, declarando um pensamento mitopoético, ou seja, por um

mundo constituído de analogias, minha pesquisa terá como base o olhar da criança sobre este lugar o qual convive com adultos e outras crianças de diferentes faixas etárias por tantas horas de seu dia, assim como a sua fala e expressões sem a interferência do adulto em suas respostas. É notório que, para desenvolver e elaborar a imagem do mundo ao qual pertencem, as crianças realizam comparações e metáforas e não deixam de incluir os seus sentimentos de um modo empático e animista. Em consonância com o autor e doutor em Educação, Severino Antônio:

Ao elaborar a imagem do mundo, as crianças desenvolvem comparações e metáforas que estão na raiz da criação poética e artística, assim como na raiz dos mitos e dos sonhos simbólicos. A imaginação da criança é mitopoética, cosmogônica: cria mundos enquanto vai desvendando o mundo. Tudo está ligado a tudo. Tudo se transforma em tudo (2019, p.39).

Considero as construções das ideias das crianças como verdadeiros tesouros que poderão ser registrados, catalogados e guardados como memórias para serem contadas no presente e recontadas para elas mesmas, e a outros futuramente. Poderão assim ser reconhecidos pela profundidade que revelam as suas ideias e saberes, como constroem conceitos e de que forma compreendem o mundo que as circundam.

Para que isso ocorresse, propus realizar uma pesquisa em um colégio conceituado da rede particular de Guarulhos, com um grupo de crianças entre 5 e 6 anos de idade em situação atual de confinamento em suas casas, devido à Pandemia do Coronavírus (Covid-19), que atingiu o mundo neste ano de 2020.

A proposta ocorreu por videoconferência por meio da escuta e observação das crianças, sob a supervisão de seus responsáveis.

Por compreender que as crianças expressam suas ideias e sentimentos por diferentes narrativas, como desenhos, conversas orais, escrita, colagens, construções, etc., esses recursos foram utilizados também no decorrer da pesquisa. Parte do registro foi a fotografia das crianças enquanto registravam as suas ideias e isso ocorreu em algumas situações com a condução e monitoramento dos seus pais ou responsáveis. Os materiais produzidos pelas crianças foram todos analisados por mim, com o intuito de ouvir as crianças e conhecer o que elas percebem e pensam

sobre a escola e seu envoltório, mesmo que agora em situação de confinamento, realizando inclusive alguns comparativos com as memórias da escola presencial.

Os registros realizados pelas crianças e as imagens compõem este trabalho escrito, que será defendido frente a uma banca de orientadores e arguidores. Todos os materiais serão usados para fins acadêmicos.

Com esse trabalho elucidarei o valor da escola para as crianças pequenas na sua perspectiva, de modo que essas contribuições possam favorecer as ações dos adultos que interagem com elas e assim possam exercer a escuta atenta sobre as suas linguagens múltiplas.

1. CONCEPÇÃO DE CRIANÇA

Inicialmente torna-se fundamental a compreensão sobre a qual conceito de criança nos referimos quando falamos sobre ela.

Por muito tempo, historicamente fundamentados por modelos meramente assistencialistas e de uma educação que tinha como foco principal o cuidado com as crianças, além da elaboração de algumas atividades pedagógicas, muitos educadores foram influenciados por esse modelo, estabelecendo-se um sistema escolarizador na Educação infantil. Modificar essa realidade da escola, imposta por uma necessidade assistencial, significou lutar também contra alguns ideais políticos, sociais e nos obriga atualmente a rever algumas concepções sobre a criança e a infância.

Qual o papel que assumimos diante da criança pequena? Como a compreendemos? Qual concepção de criança desenvolvemos? Uma criança e uma infância romantizada e idealizada em nossas escolas de Educação Infantil?

Algumas especificidades da infância precisam ser consideradas e admitidas para que possamos entender a importância do papel da escola na vida desses meninos e meninas que ingressam tão cedo nesses espaços; assim como ao longo dos anos e de seu desenvolvimento passam a construir conceitos a respeito desse lugar.

Documentos importantes foram constituídos nessa trajetória – os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil (1998) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), que apoiam a ideia da necessidade de um olhar diferenciado para os fazeres na escola com crianças pequenas, apresentando como objetivo principal a integração dos seus aspectos cognitivos, emocionais, físicos e sociais. Assim como a Base Nacional Comum Curricular (2018), estes documentos também consideram a criança como um sujeito completo e ativo; entretanto, o que ocorre na realidade em muitas instituições é uma prática pedagógica arcaica, ausente de afeto e de cuidado no planejamento e conseqüentemente na constituição do currículo. Em muitas creches e colégios de Educação infantil é possível se deparar com condutas autoritárias e desrespeitosas em relação à criança, revelando uma ignorância sobre a compreensão profunda de

suas características físicas, cognitivas e emocionais, ou seja, de seus processos de desenvolvimento.

Os cuidados geralmente são interpretados de maneira equivocada e basicamente resumem-se ao atendimento com higiene do ambiente e alimentação, o que não é suficiente para garantir e atender às necessidades das crianças. Entende-se nestes documentos que as crianças apresentam necessidades sociais e essencialmente humanas, precisam estabelecer vínculos e afetos em suas diversas experiências.

Desse modo, compreende-se que os espaços e a educação de crianças pequenas precisam de um olhar que supere concepções e práticas arcaicas que impedem nossas crianças ao acesso a tudo o que a humanidade conquistou por tanto tempo, além da circulação e comparação de ideias. Precisamos dar-lhes a condição de sujeitos históricos e que possuem direitos de se expressar.

No decorrer de toda trajetória da Educação infantil e das séries iniciais do Ensino fundamental, muitos especialistas de diversas áreas do conhecimento, como filósofos, pedagogos, psicólogos e arquitetos contribuíram com suas pesquisas e reflexões, alguns se destacam e podem nos auxiliar na elaboração de uma ideia importante sobre a criança considerando-se as suas potencialidades.

Segundo as ideias do educador Loris Malaguzzi a criança é um ser interacionista, dotado de autonomia, iniciativa e responsabilidade para estabelecer o caminho de sua própria evolução, solidário, ativo, participante, que se move constantemente. Para Malaguzzi, cada criança que nasce é um ponto de interrogação. É uma espécie de aventureiro que pode escolher mil caminhos imprevisíveis. Contém em seu interior, a possibilidade dos possíveis, de ser diferente de como a conhecemos. Essa é sua liberdade e sua responsabilidade, que o ofício de crescer lhe impõe.

Uma ideia de criança como destaca L'Ecuyer (2012), também nos remete a novas projeções:

Curiosa, descobridora, inventiva, capaz de duvidar sem se perturbar, de formular hipóteses e de comprovar sua validade mediante a observação (2012, p.56).

Considerando-se essa ideia de criança, somos provocados a nos deslocar para uma outra margem do pensamento sobre o sentido da escola. Sobre esse lugar que todos os dias construímos e cultivamos para as nossas crianças. Temos agora a possibilidade de reconhecer que as crianças também podem nos mostrar caminhos, alternativas para se fazer uma escola melhor e que tenha sentido para elas.

Em consonância com o autor, educador e terapeuta familiar Jesper Juul, as crianças são:

[...] pessoas competentes, porque são capazes de nos ensinar o que precisamos aprender, porque nos dão as chaves que nos permitem recuperar nossa competência perdida e nos ajudam a descartar aqueles modelos educativos que não são úteis, e sim autodestrutivos (2004, p.17).

As crianças possuem uma maneira singular de ver e entender a vida. Elas pensam por imagens, principalmente por metáforas e comparações. Geralmente fazem comparações com aquilo que possuem de experiência com os amigos e também com os adultos que convivem diariamente, observam os fenômenos da natureza, os animais, investigam e elaboram teorias na tentativa de compreensão sobre o mundo que a cerca.

Como afirma Severino Antônio:

Essa é outra dimensão do pensamento mitopoético da infância: o mundo é constituído de semelhanças, analogias, correspondências. Isso é como aquilo. Isso é aquilo (2019, p.38)

Essa ideia pode ser comprovada por meio da fala de Bernardo Miguel, de 6 anos de idade ao conceituar a palavra CRIANÇA.

CRIANÇA - “Eu e o meu cachorro, porque eu tenho 6 anos e ele tem 3 anos. O meu cachorro!”.

As hipóteses ou teorias elaboradas pelas crianças, posteriormente se modificam, pois elas constroem novos conceitos com base nas experiências vividas;

porém o fundamento sempre estará na sua criação poética e na sua linguagem artística, nos seus movimentos, no mundo dos sonhos, da imaginação e dos jogos simbólicos.

2 CONCEPÇÃO DE ADULTO

Quando nos dispomos a falar sobre a criança torna-se preciso lembrar que não falamos dela sozinha. Há sempre um outro alguém que se ocupa dela. O médico pediatra e psicanalista Donald Winnicott fala muito sobre a importância do adulto na vida de uma criança, como ela inaugura a vida com a mediação do outro. Torna-se fundamental pensarmos como as relações entre a criança e o adulto se estabelecem e como são perpassadas pela permanência e continuidade dos cuidados e afetos que recebem também na escola. Myrtha Chokler (2017) também apresenta contribuições fundamentais e enfatiza a importância da disposição de um entorno humano que acolha e que ofereça sustentação e segurança para a criança, de modo que ela possa ajustar-se e desejar estar no mundo. Os envoltórios seguros e planejados pelos adultos que cuidam de crianças oferecem a condição de pertencimento, de ser acolhido e como nos inspira Luiza Lameirão,

São os educadores que se responsabilizam por proporcionar as condições do espaço para que a criança se ative.

Gerar, organizar, cuidar de um espaço não é tarefa simples. Podemos perceber em nós mesmos que um espaço amplo nos alivia, parece que respiramos mais tranquilamente. Já o espaço ilimitado nos traz insegurança (2014 p.25).

Entendemos que se o envoltório é instável e frágil, com propostas inconstantes e posturas autoritárias, ele torna-se um problema para a criança que o habita, pois um sentimento de insegurança e instabilidade pode ser gerado e geralmente expressado e manifestado por meio das demandas comportamentais, como irritação, reclamações sobre a escola ou sobre alguma situação específica, inclusive dores de barriga e somatizações.

Adultos sensíveis, como afirma o autor Alfredo Hoyuelos são aqueles que “cuidam melhor das interações e que são capazes de impor a si mesmos os limites para com as crianças, são pessoas que têm claro que o encontro com o outro é de respeito, não de domínio” (2019 p.179).

Os adultos apresentam um papel muito importante na vida das crianças na escola, tornam-se presentes, testemunham atentamente os processos e conquistas,

promovem trocas de ideias, circulação de informações, instigam e mantêm a curiosidade nata e tão singular das crianças, mostram-se sábios e honestos, desenvolvem a observação atenta, a escuta e geram oportunidades de liberdade humana e autonomia.

3 CONCEPÇÃO DE ESCOLA

Valorizamos o espaço devido a seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis entre as pessoas de diferentes idades, de criar um ambiente atraente, de oferecer mudanças, de promover escolhas e atividade, e a seu potencial para iniciar toda a espécie de aprendizagem social, afetiva e cognitiva. Tudo isso contribui para uma sensação de bem-estar e segurança nas crianças. Também pensamos que o espaço deve ser uma espécie de aquário que espelhe as ideias, os valores, as atitudes e a cultura das pessoas que vivem nele.

Loris Malaguzzi (2007 p.157)

A escola sempre ocupou um papel muito importante na sociedade e é preciso considerar que para muitas comunidades, devido à sua própria história ou necessidade tornou-se também um refúgio, uma luz ao fim do túnel. Tanto para a população menos privilegiada, como para as favorecidas, a escola atualmente ainda é vista como uma instituição fundamental e que auxilia muito no desenvolvimento das crianças, jovens e adultos, dando-lhes acesso não apenas às informações, mas a tudo o que a humanidade instituiu como patrimônio cultural.

Sempre que ouvimos a palavra “escola”, nos vem à mente um lugar que certamente habitamos um dia e que possivelmente deixou registros, principalmente na infância, sendo eles positivos ou negativos. Memórias de situações com os amigos, da sala de aula, da professora, dos primeiros rabiscos no caderno, das brincadeiras...

A palavra “escola” vem do grego *scholé*, através do termo latino *schola* e tinha o significado de “discussão ou conferência”, mas também “folga ou ócio”. Uma definição perfeita para o que muitas instituições e educadores desejam proporcionar aos meninos e meninas que vemos por aí afora! Interações, estar com o outro, conhecer ideias e saberes diferentes, brincar livre e espontâneo e, por que não, o “não fazer nada”?

Qual seria o impacto do “fazer nada” na escola? As crianças pedem tempo para silenciar-se e estar consigo mesmas? Vemos como um problema o ócio na rotina das crianças na escola? Qual a falta que o ócio faz para as crianças?

Pode parecer impactante, mas alguns autores contemporâneos e dentre eles Foucault, criticam o sistema de educação rígido e chegam a comparar algumas escolas com instituições como hospitais e prisões. Adultos que agem na tentativa de dominar e controlar os passos, o comportamento, com a intenção de moldar os pensamentos das crianças. Contrário à normatização do ensino, entendem que esse sistema pode torná-las cada vez mais dependentes e inseguras de suas próprias capacidades.

Considerando-se a sua importância, por muito tempo, no meio acadêmico ainda há lugar para essa além de outras discussões e reflexões sobre os impactos que a escola e o modo de seu funcionamento gera nas crianças, ou seja, nesse ser humano que inaugura sua vida coletiva.

Fala-se sobre concepções de ensino, sobre condutas dos adultos e professores, sistemas acadêmicos, metodologias de ensino. Somos provocados a uma reflexão diária sobre qual o verdadeiro papel da escola para as crianças e principalmente sobre o que elas pensam sobre esse lugar que passam boa parte de suas vidas.

As crianças, conforme vivem as experiências, conforme crescem e se desenvolvem, elaboram ideias sobre esse envoltório. Mesmo ainda muito pequenas, muitas vezes elas podem trazer novas e importantíssimas contribuições para que a escola seja transformada e mais humanizada.

Há um exemplo singular, e que não poderia deixar de registrar sobre a Escola Diana na Itália, que de um modo cativante e acolhedor cumprimenta os pais, os professores e toda comunidade, declara no seu corredor de entrada por meio de um pôster compilado por algumas crianças de 5 anos, que proclamam os seus direitos:

As crianças têm o direito de ter amigos, de outro modo não crescerão muito bem.

As crianças têm o direito de viver em paz.

Viver em paz significa estar bem, viver juntos, viver com as coisas que nos interessam, ter amigos, pensar em voar, sonhar.

Se uma criança não sabe algo, ela tem o direito de cometer erros. Isso funciona porque depois que ela vê o problema e os erros que cometeu, então ela sabe.

(Escola Diana, 1990)

4 METODOLOGIA

A pesquisa ocorreu em uma escola da rede particular de Guarulhos, na qual atuo como coordenadora pedagógica. O processo de escuta mais atenta e de aproximação maior com as crianças ocorria diariamente em horários diversos do cotidiano como no lanche, na sala de aula, no parque, na quadra e em diversos lugares em que estivessem interagindo com os amigos. Assim que foi estabelecido o cumprimento da quarentena, optei por entrevistar as crianças por meio de videoconferências.

Inicialmente conversei com os familiares das crianças escolhidas para o registro e elaboração da pesquisa, encaminhei os documentos de autorização e solicitei uma data para conversa com as crianças, pedindo-lhes permissão para a realização dos encontros, assim como para os registros escritos, vídeos e fotográficos de tudo o que realizássemos. Todas as crianças foram ouvidas e concordaram em participar, algumas questionaram o motivo desta tarefa e inclusive declararam que neste momento estão de férias.

As crianças escolhidas para realização da pesquisa na íntegra apresentam entre 5 e 6 anos de idade, saíram recentemente da Educação Infantil e ingressaram no 1º ano do Ensino Fundamental I – período de alfabetização, estando devidamente matriculadas nesta instituição.

Duas crianças fora do contexto escolar foram ouvidas também em suas definições das palavras criança, adulto, professor e escola, uma com 9 anos e que mora no sítio em Minas Gerais, e outra com 13 anos, a última sendo meu filho.

Os agendamentos com as famílias foram realizados em horários e dias específicos, e elas me auxiliaram no registro fotográfico enquanto houve a interação com as crianças. As crianças foram atendidas individualmente, norteadas nesta interlocução por meio das perguntas e propostas de desenho e construções.

O roteiro para a conversa com as crianças foi o seguinte:

1 - Definições das palavras

- CRIANÇA
- ADULTO
- PROFESSOR
- ESCOLA

2 - Para você, três lugares muito importantes da escola e o porquê?

3 - Para você, quais lugares não são bons na escola? Por quê?

4 - E agora, como sua escola está? Como essa situação é para você?

5 - Representações – (as crianças poderão escolher realizar os desenhos e construções ou apenas um deles)

- Desenho – escola antes

- Desenho – escola depois (situação de confinamento)

- Desenho livre/representações com outros objetos

6 - Gravação

- Depoimento da criança espontâneo sobre a escola.

A ideia é finalizar o trabalho com um breve vídeo com alguns depoimentos das crianças sobre a escola. A intenção é dar uma devolutiva para as crianças e famílias sobre esta elaboração e sobre o que as reflexões que geraram, ou seja, quais serão as possíveis ações na escola diante do que foi apresentado pelas crianças, usando seus relatos e registros como um fio condutor quando retornarem à escola.

As informações coletadas foram analisadas, organizadas e inseridas neste documento que foi elaborado à luz das teorias e concepções que norteiam minhas ações e aprendizagens como educadora e será apresentado na banca de examinadores.

5 O QUE PENSAM AS CRIANÇAS SOBRE A ESCOLA?

Que as crianças me deem licença
 De poetizar suas vidas
 De trazer para a minha
 Seus dizeres, suas pérolas.
 Que são tantas, tão profundas,
 Muitas perdidas, esquecidas.
 Tantas vezes ditas,
 De tão diversas maneiras,
 A maior parte ignoradas,
 Algumas quiçá enxergadas.
 As trago para a frente do palco da vida,
 Para que possam ser sentidas,
 Para que possam ser partilhadas,
 Para que possam ser integradas...
 Às nossas vidas.
 Que as crianças me deem licença.
 Adriana Friedmann (2013 p.85)

O que pensam as crianças sobre a escola? Esta é uma pergunta que poucas pessoas fazem. Geralmente a escola é pensada e projetada por adultos, sem considerar o que as crianças pensam. Temos muita dificuldade em escutar, silenciar nossas vozes para ouvir verdadeiramente as crianças. As suas ideias quase sempre são ignoradas pelos adultos, como se fossem insignificantes, menores, destituídas de razão. A maioria dos adultos deixa de acessar a sua própria memória, sua criança interior, aquela que um dia também desejou uma escola diferente, que teve ideias e que foram silenciadas ou que, porventura, a sua dúvida ou erro foi exposto diante do coletivo, causando grande constrangimento.

Para compreender a voz das crianças a autora e antropóloga Adriana Friedmann nos convida a um mergulho no tempo, a voltar, simplificar esse adulto que hoje aparece tão grande em suas razões. Torna-se necessário uma pausa, diminuir o ritmo, a correria que não nos deixa pensar, olhar para o simples durante as experiências e assim resgatar nossa essência. Segundo a autora, dar voz às crianças por meio da escuta, tem relação com respeitar seus ritmos, suas emoções,

suas narrativas, suas escolhas, seus espaços e sua intimidade. Uma provocação ao adulto para o acolhimento de suas múltiplas linguagens e das mais ricas experiências. O filósofo Jorge Larrosa (2002), em sua obra *Notas sobre a experiência e o saber de experiência* fundamenta esta ideia de Adriana Friedmann quando contrasta que o sujeito da experiência é definido não por sua atividade, mas pela abertura para ser transformado pela experiência. Afirma que o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana, de maneira singular e concreta, sendo necessário considerar o tempo dos próprios silêncios, os ritmos.

Saber o que as crianças pensam sobre a escola torna-se importante, pois é compreensível que elas devam ter voz na tentativa de produzir efeitos. As crianças são capazes de contribuir muito para que novas ações ocorram a favor de suas experiências na instituição que frequentam. Como dito anteriormente, elas podem indicar caminhos.

Interessante observar que algumas escolas já deram um passo à frente nessa questão e consideram muito a opinião das crianças sobre a escola e seus fazeres, inserindo-as nas tomadas de decisões e projeções, como no caso das escolas do norte da Itália, especificamente em Reggio Emilia.

Compreender o que as crianças pensam nos impulsiona a modificar rotas, adequar propostas, refletir sobre aspectos importantes e que ocorrem também em nosso sistema educacional brasileiro, nos diferentes grupos e segmentos. Para que isto ocorra, a pausa é necessária. Torna-se um exercício interessantíssimo ouvir as crianças sobre o que pensam, pois a ideia que possuem refere-se, neste caso, principalmente às escolas que frequentam e é a elas que se referem quando comentam algo sobre o que os adultos as questionam.

Inspirada por Javier Naranjo, um pesquisador da linguagem infantil que com muita sensibilidade por mais de dez anos realizou uma pesquisa no interior da Colômbia, com alunos do curso primário, coletando definições a partir do seu modo de ver, sentir e pensar o mundo, decidi por selecionar algumas palavras que fossem pertencentes ao contexto escolar para que as crianças entrevistadas por mim fizessem o mesmo. As palavras foram: criança, adulto, professor e escola.

Inicialmente as crianças foram consultadas, aceitaram o desafio e entre as entrevistadas, escolhi algumas falas para compor a ideia de criança, adulto e de escola:

- Bernardo Miguel – 6 anos

Criança: “Eu e o meu cachorro, porque eu tenho 6 anos e ele tem 3 anos. O meu cachorro”.

Adulto: “Meu pai e minha mãe”.

Escola: “É um lugar que guarda muitos alunos dentro, porque tem realmente muuuuuitos alunos e também professoras”.

- Helena – 5 anos

Criança: “É uma pessoa nova que não virou velha e adulta, uma pessoa pequena, criança. Uma pessoa pequenininha que não sabe de muita coisa que não trabalha”.

Adulto: “É uma pessoa grande que já tem trabalho, que já sabe mais que a gente e pode sair sozinho e ela tem mais responsabilidade”.

Escola: “É um lugar que a gente no começo fica meio assustado, mas a gente aprende coisas, e vai de ano pra ano. A gente tem que fazer um monte de lição. Lugar que tem muita gente que a gente fica meio assustado primeiro, que a mãe vai deixar com pessoas “ilegais”. Com um montão de criança brincando assim e ficamos assustadas. No começo é assim, né? A gente acostuma, faz amizade e fica tudo bem, porque tem um monte de gente legal”.

- Ana Clara - 6 anos

Criança: “Criança é correr na grama, brincar e também desenhar. Fazer bagunça”!

Adulto: “Adulto é que já usa celular, todos já mexem com facas. Adulto é se vestir para eventos especiais. A diferença entre um adulto e uma criança a primeira coisa é o tamanho e criança é muito mais alegre, mais animada”.

Escola: “Escola é ter muitas salas e muitos professores adultos em cada sala.

A hora do lanche é escola, porque a gente se reúne, conversa com as amigas, come coisas saudáveis”.

- Giulia - 6 anos

Criança: “Criança como eu, sou criança e as outras também são crianças”.

Adulto: “Vou falar o que é adulto fêmea. Para mim, adulto fêmea é fazer muita comida, trabalhar dentro de casa e fora de casa. Adulto homem eu acho que é assim, trabalha muito fora de casa, quando não tinha essa coisa de corona vírus ele trabalhava muito fora de casa e só voltava a noite. Meu pai só sai três vezes, mas ele está ficando igual. No sábado e domingo ele está ficando igual antes. Agora ele trabalha fica o dia todo dentro do quarto”.

Escola: “Escola é estudar muito. Na nossa escola a gente fica até meio dia e é ter muitos professores e alunos também. Isso que pra mim é escola”.

- Isabella - 6 anos

Criança: “Criança brinca, come, estuda e também grita e fica toda agitada para querer brincar um monte, e agora tem que ficar em casa e estudar dentro de casa”.

Adulto: “Adulto trabalha dentro de casa, tem que cuidar das crianças e também tem que atender telefone e pegar marmitas”.

Escola: “Escola ela fica lá e tem um símbolo, tipo o meu é Parthenon. Ela tem que ficar com símbolo para saber que é uma escola e não um prédio de morar as pessoas”.

- Manuely Cristina - 6 anos

Criança: “Criança quer dizer que é uma pessoa que ela é pequena e também pode ser grande ou pequena. Eu falei que com 10 ou 4 anos ainda é criança e é isso que é ser criança. É pequena ou grande, quando passar de 10 anos pode continuar ser criança e depois fica adulto e aí depois fica velho... e depois como que pode ser criança, né?”

Adulto: “Adulto quer dizer uma pessoa que já é mãe que já cuida dos filhos, quer dizer que já é grande e que não é como criança. Os adultos são diferentes das crianças porque crianças não podem mexer no fogo e adultos podem”.

Escola: “Quer dizer que é um lugar que tem os professores, os alunos e lá a gente tem os professores que explicam e a gente pode saber. Na escola, a gente pode ficar com os amigos”.

- Giovanni - 6 anos

Criança: “É uma pessoa pequena. Esqueleto pequeno”.

Adulto: “É uma pessoa grande. Esqueleto grande”.

Escola: “É um lugar que a gente aprende”.

- Marcela - 9 anos

Criança: “As crianças têm mais imaginação”.

Adulto: “Eles são mais grandes e pra mim eles não têm muita criatividade igual as crianças”.

Escola: “É um lugar que eles reservam para as crianças aprenderem”.

- Felipe - 13 anos

Criança: “Criança é... eu não sei explicar bem, eu diria que cada uma é de um jeito, tem criança que tem um pensamento, que eu diria poético, ela questiona as coisas, ela é mais livre, parece, sabe? É diferente, parece que ela vai mudar o jeito que a gente vive”.

Adulto: “Adulto é uma criança, só que maior, né? É uma pessoa mais formal, alguns adultos são poéticos e parecem uma criança às vezes, mas a maioria deles pensam dentro da caixa”.

Escola: “Escola é o lugar que a gente aprende, pode fazer amigos, mas depende muito da pessoa. Eu acho legal”.

Observa-se por meio deste exercício, que as crianças realmente pensam por imagens, narrativas que compõem o pensamento dependendo do contexto em que geralmente estão inseridas, ou mesmo por algum sentimento latente que está presente no momento. São palavras recheadas de elementos do cotidiano, analogias, empatia, poesia e muita sinceridade.

Ao reconhecermos que as crianças pensam dessa maneira, poderemos qualificar ainda mais o nosso diálogo com elas, pois será possível compreender como constroem a sua percepção sobre o mundo, fazendo uso de sua imaginação.

Essa forma de pensar é tão importante quanto o pensamento conceitual crítico, que ao longo de seu desenvolvimento se estrutura e amplia.

Em um segundo momento da pesquisa, as crianças foram convidadas a falar sobre os três lugares mais importantes da escola para elas.

- Bernardo Miguel – 6 anos

“Colocando o 1º lugar é aquele que a gente lancha, porque ninguém pode viver sem comer, né?”

Lugar perto do bebedouro, porque ninguém vive sem comer e nem beber.

Quadra nova, porque a gente pode praticar alguma coisa, a gente pode aprender mais coisa, encontrar uma pedra diferente, um nome e vamos aprender alguma coisa. Um dia na quadra nova eu achei uma libélula. E pensei. Será que é uma libélula? Ela tinha 4 asas. Ela era muito grande. Mas ainda estou na dúvida”!

- Helena – 5 anos

“Sala de aula – porque é lá que a gente aprende, faz as lições, é uma sala de aula e a gente fica sentado prestando atenção na professora, lendo um livro.

O parquinho também é importante, porque a gente brinca, fica livre lá, a gente pode correr pra lá pra cá e tem um espaço bem aberto lá pra correr, se tiver cansado, relaxar na grama. Eu escolheria a brincadeira como mais importante, porque teria o momentinho para descansar, né?”

A hora do lanche porque podemos comer e a gente não passa fome. É um lugar muito importante pra mim”.

- Ana Clara – 6 anos

“Hora da saída – porque às vezes a minha mãe vem me buscar e às vezes minha vó, meu pai...”

A parte que a gente vai brincar no gramado, onde tem uma ‘arvoreona’ e os meninos ficam na quadra, porque ele tem muito sol e eu adoro o sol e porque eu gosto muito de grama, gramado, jardinagem.

Sala de aula – porque lá a gente aprende tudo o que tem no mundo e acho que é muito importante e minha matéria preferida é matemática”.

- Giulia – 6 anos

“O primeiro lugar é a quadra – lá a gente aprende Educação física, porque a gente fica muito tempo lá, muito lá dentro, às vezes pode ser fora e dentro. Esse lugar pode ser que a gente aprenda. Eu estou multiplicando as minhas ideias, misturando para por outras ideias.

Sala – acho que as crianças gostam muito. Lá eu fico monte de tempo aprendendo e fazendo muitas coisas, eu gosto muito de como é.

Área que é da quadra – na árvore. Fico com minhas amigas lá, eu gosto muito daquele lugar, lá atrás, toda aquela área acho muito importante, porque acumula muitas crianças lá”.

- Isabella – 6 anos

A sala, porque tem as lições de casa.

A diretoria, porque só dá bronca lá e só estuda.

O lanche, porque as crianças só gostam de comer, igual a brincar.

- Manuely Cristina - 6 anos

Lugar de brincar – tanque de areia: é porque eu gosto de lá, tem areia e a gente pode brincar. E lá tem um chuveiro e a gente se molhou. Eu fiquei toda molhada!

Lanche – porque eu sinto fome e também eu adoro o lanche que a mamãe manda, pão com nutella, bolacha, e outras coisas muito saudáveis. Não poderia faltar, porque como as crianças ficariam sem comida?

Quadra externa – pra mim é legal porque lá a tem bastante espaço, a gente pode correr, dá pra brincar bastante, porque tem muito espaço e criança gosta de lugar que tem espaço.

- Giovanni - 6 anos

A sala de aula – porque é onde a gente aprende.

As duas quadras, a quadra fechada e a de cima – porque tem aula de educação física lá nas duas.

O triângulo (referindo-se a um espaço próximo a sala, na área externa) – porque é onde as crianças podem brincar, para as crianças se divertirem.

Levando-se em consideração os lugares mais importantes para as crianças entrevistadas, todas elas citaram um lugar aberto e que pudessem brincar livremente, no caso o gramado da quadra aberta. Importante observar que, por exemplo, na fala de Bernardo ele escolhe o lugar aberto como sendo importante inclusive para que possa aprender mais, investigar e alimentar a sua curiosidade sobre os fenômenos da natureza.

Helena também apresenta uma expressão interessante quando se refere ao mesmo lugar do gramado, quando diz que lá é possível ficar livre para correr para lá, para cá e um espaço bem aberto.

Adriana Friedmann, de maneira muito sensível esclarece que:

Quando brinca, a criança está falando. No seu tempo, que é só dela, a criança escreve com seu corpo uma melodia. Com seu gesto, sua mão, seu olhar e seu sorriso imprimindo a pegada do seu coração. Como nós adultos, quando dançamos, pois a palavra consegue dizer com o coração, sem pensar, só dizer. (2013, p.58).

Ana Clara dá visibilidade à importância do sol.

Em concordância com as palavras profundas da autora:

O calor nos leva a entrar em atividade, leva nossas intenções ao mundo, dando origem dessa maneira ao sentimento de sermos um indivíduo. A ausência do calor nos paralisa.

Luiza Lameirão (2014, p.43)

Giulia diz que lá no gramado próximo à quadra é um lugar onde tem a possibilidade de misturar as suas ideias, além de reunir os amigos e outras crianças.

Esta colocação nos mostra o quanto as crianças estão inteiramente abertas às relações e em tudo o que vivem, apresentam muita intensidade, pois os sentimentos estão presentes, elas são transparentes e vivem com alegria única o inédito do presente. O outro apresenta grande importância para elas e o estar junto é fundamental.

Quando me capacito a ouvir a voz do outro, me aproximo de sua essência.

Luiza Lameirão (2014, p.37)

Isabella compara duas necessidades básicas e fundamentais das crianças, o momento da refeição (alimentar-se) com o brincar.

Importante observar que praticamente em todas as respostas das crianças a sala de aula é destacada como sendo um lugar importante para aprender, não descartam que as situações de aprendizagem formalizadas ocorrem, inclusive algumas crianças demonstraram gostar desta experiência de aprender a ler e escrever, já que se encontram na fase de alfabetização, porém de uma maneira diferente de quando citaram os espaços abertos para o brincar e interagir, pois compreende-se que a necessidade do brincar é inerente a elas. Destacam aspectos importantes sobre a sala de aula e que necessitam ser repensados com atenção especial, como: a quantidade de tarefas, tempo significativo dentro da sala, uma única postura por muito tempo, no caso, ficar sentados por longo período. Durante as entrevistas, as crianças destacam o quanto amam brincar, realizam tentativas de exemplificar o quanto precisam desse espaço para serem livres.

A narrativa de Helena (6 anos) declara esta necessidade: “a gente é bem aceso e gosta de ficar pra lá e pra cá livre. Gostamos de espaços grandes para correr e fazer vento e gostamos de correr para se refrescar, para esfriar”.

Alguns especialistas e educadores, como o psicólogo André Trindade e Luiza Lameirão destacam a importância dos momentos de concentração e expansão na rotina das crianças, o que de certa forma, traz um equilíbrio para a jornada delas na escola, além do tempo para o brincar livre e espontâneo. É possível fazer uma analogia e comparar esses dois aspectos com o pulsar do nosso coração que contrai e relaxa, gerando de certa maneira, vida.

Um fator interessante também ocorreu nas respostas de algumas crianças. Elas destacam o quanto é fundamental o tempo da refeição/lanche na escola com os amigos.

Em consonância com as palavras de Luiza Lameirão:

O que faz a refeição ser a base da vida social? Em primeiro lugar, o que é mais evidente: os que estão à mesa têm acesso aos mesmos

alimentos. Essa característica básica, porém, não é a única: todos nós percebemos as diferenças que existem entre comer sozinho ou acompanhado, se o ambiente é simples e aconchegante ou se está em desordem, se as conversas são amenas ou se há discussões e desentendimentos. A qualidade dos sentimentos presentes durante a refeição gera uma atmosfera que também nos alimenta! Talvez o pão ao ser partido e repartido simbolize tudo o que uma refeição pode oferecer.

Luiza Lameirão (2014 p.36)

Como citado por algumas crianças, o alimento é uma necessidade vital e para elas há uma ideia de sobrevivência que também aparece como preocupação, além de que acontecem muitas situações ao mesmo tempo nesse momento. Elas podem dialogar, brincar, trocar os lanches, experimentar o que o colega trouxe na lancheira, conhecendo novos sabores, aprender procedimentos básicos de alimentar-se sozinho sem auxílio do adulto, com maior autonomia, compartilhar, dividir, descontraí-las. São múltiplas possibilidades vivenciadas em um único tempo por tantas crianças. Ficou nítido o quanto esse tempo é primordial para elas e o quanto deve ser valorizado e cuidado, sem que sejam pressionadas para que comam rapidamente devido ao curto tempo disponível, ou como punição para quem não comer, que não poderá brincar.

Uma terceira questão foi feita às crianças sobre quais lugares elas julgam não serem bons na escola. Seguem as respostas das crianças:

- Bernardo Miguel – 6 anos

“Na quadra nova, porque tem muitas abelhas. O lugar do lanche, porque um dia uma aranha caiu na minha perna, tinha um monte de teia de aranha lá. As aranhas ficam nos piores lugares, né? Mas eu acho que não tem mais aranha nem lugar ruim na escola, não consigo imaginar um lugar ruim lá”.

Na rampa eu tropecei e ralei meu joelho esse lugar é perigoso e ela tem muita pedra, porque ela é feita de pedra, eu tava andando saindo da escola, tropecei e caí”.

- Helena – 5 anos

“Quando aparece uma formiga vermelha na escola não é bom e a gente sai correndo, a gente não gosta. E quando aparecem as lagartas a gente não gosta e a gente sai correndo, a gente pensa que é uma taturana.

No abacateiro ou lá fora e às vezes isso acontece em todo lugar eu não gosto quando as libélulas voam baixo, porque é sinal de chuva.

A gente não gosta quando está de manga curta ou comprida passa calor ou frio”.

- Ana Clara – 6 anos

“A diretoria, porque fica lá sentada e ninguém gosta de ir para a diretoria”.

- Giulia – 6 anos

“Na escola só tem um lugar. Eu não gosto tanto debaixo da casinha do parque, porque cai muita areia no nosso cabelo, depois tem que tomar banho e lavar a cabeça”.

- Isabella – 6 anos

“Não tem nenhum lugar chato lá.

Eu queria que mudaria a lição, porque tem que ficar várias vezes estudando. Deveria ter uma mesa dentro da sala para a gente comer, uma mesa lá”.

- Manuely Cristina – 6 anos

“Não tem nenhum lugar.

Não é que eu não gosto sabe, mas não é tanto assim. É o integral que eu fico, não gosto tanto assim, porque eu fico até a noite, e não fico tanto com a mamãe. Eu acho que demora mais para chegar em casa e ver a mamãe”.

Interessante observar que alguns fatos que ocorreram com as crianças em alguns espaços da escola foram determinantes para que julgassem como sendo um lugar que não é bom. Algumas experiências negativas ou que geram certo desconforto nas crianças podem lhes deixar marcas e, por esse motivo, realizam comparações e metáforas na tentativa de exemplificar o que para elas nesse momento não gostam. Apresentam assim, um pensar por sentimentos.

Um exemplo é o que ocorre com Bernardo. No primeiro questionamento ele escolhe alguns lugares importantes da escola, entre eles o lanche e a quadra nova

e, quando questionado sobre um lugar que não é bom, ele traz os mesmos espaços, porém com novos elementos, no caso, as abelhas e as aranhas que lhe causaram grande desconforto. O mesmo acontece quando relata inclusive os seus sentimentos sobre o fato ocorrido na rampa, onde machucou o seu joelho.

Helena apresenta um exemplo semelhante ao de Bernardo, porém ao final de sua explicação, declara um pensar que está na origem das ciências ao declarar em sua teoria, que as libélulas voam baixo, porque é sinal de chuva.

Severino Antônio declara em sua obra *A poética da infância*, que tudo o que a criança pensa, está sentindo. Elas são sensíveis e percebem o mundo com muita imaginação.

Esses são apenas alguns exemplos do quanto se torna importante compreender a linguagem das crianças, para que a comunicação seja cada vez mais efetiva nas diversas experiências vivenciadas na escola.

Quando questionadas sobre o que não poderia faltar na escola, a maioria das crianças entrevistadas destaca a importância da sala de aula, dos professores e do momento do brincar com os amigos.

Severino Antônio (2019 p.65), destaca em sua obra que a infância não pode ser reduzida à preparação para a vida adulta. A infância é uma dimensão da vida humana. E o brincar é uma dimensão da infância.

- Bernardo Miguel – 6 anos

“A própria escola, porque senão as crianças não aprendem. Elas podem aprender com os pais, mas vai demorar muito para ensinar cada dia. A escola é mais rápida, porque a gente dá um passo e aprende uma coisa, dá outro passo e aprende outra coisa. Não é que você está aprendendo a andar, entendeu”?

- Helena – 5 anos

“Não poderia faltar a brincadeira, é uma parte bem legal da escola.

Porque a gente gosta muito de brincar, criança gosta de brincar bastante. A gente é bem aceso e gosta de ficar pra lá e pra cá livre. Gostamos de espaços grandes para correr e fazer vento e gostamos de correr para se refrescar, para esfriar. Ou a gente tira a blusa e bebe uma água.

A aula é bem importante, pra gente ficar bem esperta. Escola sem estudo não é escola, escola sem professora não é uma escola”.

- Ana Clara – 6 anos

“O que não poderia faltar são os professores, porque são eles que ensinam a gente tudo. A parte da brincadeira, porque toda criança gosta de brincar”.

- Giulia – 6 anos

“Não poderia faltar a sala de aula. Porque sem a sala de aula não é uma escola, seria só um parquinho. Essa escola é muito grande. Não sei como eles conseguiram fazer essa escola”.

- Isabella – 6 anos

“Um parque aquático. Uma montanha russa.

Uma praia, só areia e água”.

- Manuely – 6 anos

“Não pode faltar os amigos, porque se faz tempo que a gente não vê eles, como vai faltar os amigos?”

5.1 Escola que se transforma – tempo de confinamento

Em sua história, a escola já passou por períodos diversos, e nesse tempo muitos foram os desafios para que pudesse sobreviver. Guerras, crises econômicas, inclusive pandemias. Atualmente, estamos vivendo um cenário caótico, de confinamento, devido à expansão do Coronavírus Covid-19 pelo mundo todo e com muitos esforços, todos trabalham e investem para conter o aumento da transmissão. Muitas foram as medidas para evitar a disseminação do vírus e o distanciamento social foi instituído como um dos protocolos pelo Ministério da Saúde. Essa tomada de decisão impactou a vida da sociedade em vários setores, inclusive a educação.

Até o mês de fevereiro de 2020, as creches e escolas estavam envolvidas com a chegada e adaptação das crianças. Educadores investindo no acolhimento, oferecendo-lhes colo diante do choro que surgia após a separação do responsável de referência, um investimento imensurável para que as crianças pudessem sentir-se pertencentes a esse novo espaço e à vida coletiva. Então, todos foram surpreendidos com a notícia de que as atividades estariam suspensas, não

poderíamos mais estar juntos na escola e foi necessário o afastamento. O governo instituiu o isolamento social.

As escolas esvaziaram-se.

O silêncio gritava pelos corredores e por todos os espaços.

Painéis das salas ficaram incompletos.

Construções das crianças ficaram inacabadas no parque de areia.

Materiais nos armários.

A escola precisou se reinventar em pouquíssimo tempo. Precisou sobreviver, mesmo que de um jeito diferente, ela tinha que permanecer aberta. As crianças precisavam ter acesso às experiências, aos conhecimentos, amigos, às professoras.

E então uma grande inquietação tomou conta de boa parte dos educadores do país.

Como fazer Educação infantil e o 1º ano das séries iniciais à distância? Como garantir as brincadeiras, as interações, as discussões e garantir aquela vivacidade que só as crianças nos proporcionam?

Pensando em preservar a concepção de criança, de infância, o estudo foi intensificado e ocorreu a troca de informações com outros especialistas da área com o objetivo de intercambiar experiências. Lives começam a ocorrer por toda parte do país, videoconferências, reuniões para o replanejamento do semestre. Um cenário de muitas incertezas!

Pedagogos, psicólogos, pediatras unem conhecimentos e forças. As redes sociais e os recursos tecnológicos explodem e invadem as casas com tantas informações.

As crianças reagem.

Algumas resistem ao novo sistema, escondem-se no colo da mãe ao encontrar a professora pela tela, algumas curtem o momento por um instante, outras não permanecem atentas por um tempo maior na frente do computador. Encontros com as professoras passam a ocorrer semanalmente com a tentativa de tornarem-se presentes, mesmo que distantes e garantir a manutenção do vínculo afetivo.

Por quanto tempo? Ainda não sabemos.

Desejamos que seja breve.

Desejamos que a escola permaneça viva.

Precisamos prosseguir...

Algumas crianças foram ouvidas sobre a situação atual da escola em uma entrevista e vale salientar que todas cumprem a quarentena em casa com suas famílias neste momento.

Quando questionadas sobre como estava a escola hoje e o que achavam dessa situação:

- Bernardo Miguel – 6 anos

“Bem, mesmo que ainda tem uma libélula, tudo bem! Grilos não atacam.

Eu acho que a escola está bem.

Foi bem diferente assim, porque toda vez a gente ia correr e brincar de várias coisas e no computador a gente não pode correr e fazer essas coisas, eu acho isso bem estranho. Desde os 3 anos eu brincava com todo mundo, achava um amigo e ia brincar, mesmo quando passava o ano. Às vezes, eu corro sozinho, porque da sala eu sou o mais rápido. Quando eu era bebê ao invés de engatinhar eu já andei direto. Com o Rafael é mais ou menos, porque ele é o segundo mais rápido.

Eu acho que é só as crianças irem de máscara para a escola.

Eu gosto da escola, porque lá tem muitos animais, lá tem grilos, libélulas, cachorros abandonados perto da escola”.

- Helena – 5 anos

“A gente parou, porque a gente está de férias e minha mamãe é minha professora, estou brincando bastante, fazendo carinho nos gatinhos.

Está sendo um pouquinho diferente pra mim. Eu ia para a escola todos os dias. Nem para ligação a gente está se vendo, estou com saudades dos meus amigos.

Estava gostando de ver meus amigos. Em casa a gente pode descansar e o que não é bom é que demora. Eu fiquei com saudade. Eu gosto de brincar com os meus amigos”.

- Ana Clara – 6 anos

“Agora a escola está isolada por conta do Coronavírus. Tá sendo em videoaula, facetime ou WhatsApp como a gente está falando.

A gente sente muita saudade dos amigos.

Eu não gosto, eu não gostei muito, porque é muito chato não ver meus amigos. E agora que a gente estava mudando os lugares. Sinto saudades dos professores e também de tudo da escola, porque minha rotina normal não é mais assim.

Mas assim a gente está seguro não indo para a escola.

Eu gosto muito dos amigos. Mesmo que seja na tecnologia, mas a tecnologia é bem importante pra gente”.

- Giulia – 6 anos

“Minha mãe ela não mostrou nada da escola. Não sei quase nada do que está acontecendo na escola. Mas eu sei que ela está ficando muito, mas muito vazia, porque não tem ninguém lá. Porque o Coronavírus passou no mundo todo. Por isso não sai quase ninguém nas ruas. No Japão tinha muito Coronavírus, espero que eles tenham feito algum negócio para acabar com o Coronavírus porque minha vida trancada dentro de casa não está nada legal. Não vejo a hora de sair de casa.

Quando eu vi que estava começando o Coronavírus eu estava assim: O que vai acontecer comigo? E agora eu sei.

A aula de inglês fazia o maior barulhão e as pessoas com todos os microfones ligados e parecia um terremoto dentro do computador. Eu pensei: nunca mais faço inglês pelo computador; e pensei: nunca mais vou nesse computador! Parecia que meu coração iria explodir e foi o pior dia da minha vida, não foi fácil esse dia.

Eu fiquei com muita falta da minha professora e dos meus amigos que eu amo muito. Mas agora só podemos ficar em casa nesse período.

Espero que nunca mais apareça o Corona nesse mundo, fiquei muito triste.

Não é fácil”!

- Isabella – 6 anos

“Hoje a escola está fechada, porque não pode sair de casa, porque o Corona está matando as pessoas.

Para mim é muito ruim com esse Corona, porque eu queria voltar para a escola. Eu queria brincar, comer e brincar com o Enrico.

Temos que ficar em casa e usando a máscara. E quando voltar para a escola, a gente vai ter que lavar a mão direitinho e as outras bactérias ruins.

Sabia que tem duas pessoas do bloco B estão com Corona”?

- Manuely – 6 anos

“Está sem ninguém, por causa do Coronavírus.

Eu quero falar que já que não tem ninguém na escola eu sinto saudade de todo mundo, dos amigos, da prô. Tirando a ideia da minha escola, eu também tenho saudade da escola do piano, da professora de ballet e também tirando as ideias das escolas eu tenho saudade da minha avó, do meu avô, da minha tia...”

- Giovanni – 6 anos

“Agora está bem chato, hiper mega super chato, porque tem esse tal de Coronavírus, que não vai existir logo logo. Muito chato. Eu queria estar sempre indo e voltando da escola.

Eu quero falar que eu quero brincar com meus amigos, com a Larissa e com a Clara, que são da outra escola e com o Noah que eu joga com ele.

Estou me sentindo triste, mas dá para andar de bicicleta com a máscara.

Eu posso falar com meu amigo pelo WhatsApp”.

As crianças e suas famílias vivem hoje um cenário atípico, estão confinadas dentro de casa, vivendo um mar de incertezas.

Todas as crianças que foram entrevistadas demonstraram um sentimento de grande saudade da convivência com os amigos da escola, dos animais, das interações, da rotina que tinham e de tudo o que viviam no espaço, ou fora dele. Demonstram nitidamente desconforto e medo com o fato do vírus ainda circular pela cidade e principalmente por precisarem cumprir esse tempo de quarentena em casa, fechados, com espaços restritos. Importante considerar que a maioria delas vive em apartamentos ou condomínios fechados.

Esta insatisfação pode ser confirmada por meio de algumas falas e expressões que demonstram certa exaustão, irritabilidade, agitação e também tristeza.

Percebe-se um grande esforço da família na tentativa de minimizar os impactos, os prejuízos emocionais e acadêmicos das crianças, porém os meios tecnológicos, apesar de serem recursos utilizados neste momento, por uma necessidade emergencial, ainda não suprem todas as necessidades básicas das crianças. Elas demonstram a necessidade vital das relações e das brincadeiras, de

aprender umas com as outras, com as trocas e as experiências com os amigos presencialmente. Necessitam do movimento e de espaço para correr, gritar, deitar-se na grama e maravilhar-se com o inédito. Brincar com os colegas, tocá-los, sentir o toque, trocar olhares, o corpo em suas diversas posturas. As crianças pedem a volta e o reencontro!

O filósofo Merleau-Ponty (2010 p.23) menciona a necessidade de uma “nova linguagem” que revele as relações criança-corpo, criança-outro, criança-espaço, criança-tempo, criança-linguagem, criança-cultura. A linguagem que ele propõe ao pesquisador da infância é pautada nas descrições das relações.

5.2 Como as crianças representam a escola?

O tempo todo as crianças representam suas ideias e sentimentos por meio de muitas linguagens e expressões. Seus corpos estão em constante movimento e elas buscam uma maneira para revelar o que desejam, ou o que as incomodam. Geralmente as crianças se utilizam da fala, das canções e muito das expressões artísticas como o desenho, a modelagem, a construção para representar ideias e, ao elaborá-las, unem suas narrativas. Em um processo conjunto, desenhos e construções podem ganhar vida e movimento.

Muitos especialistas orientam sobre a necessidade de estarmos atentos às linguagens e falas crianças, dando-lhes a possibilidade de escolha para que expressem suas ideias, pensamentos e sentimentos.

É comum observar que as crianças escolhem realizar desenhos para explicar um pensamento, algumas cantam, outras são mais sinestésicas e o corpo diz a todo momento o que desejam; algumas realizam construções, fazem representações tridimensionais na tentativa de revelar pensamentos.

Considerando a situação atual das crianças que estão em situação de confinamento, percebe-se o quanto estão restritas em seus movimentos, ficam por muito tempo nas telas dos computadores, dentro de casa, estão impedidas de correr por lugares amplos e viver desafios possíveis para a própria idade; estes aspectos, de certa maneira, interferem em seu pleno desenvolvimento cognitivo, emocional e corporal. Compreender o que elas pensam e como representam o que pensam,

torna-se uma rica oportunidade para conhecê-las e acolhê-las em suas singularidades em meio à coletividade.

Em consonância com Adriana Friedmann,

As falas dos corpos aparecem a toda hora: em brincadeiras, reações, produções. O tempo todo, as crianças fazem gestos, movimentos, rabiscam, falam sozinhas ou com outros, reagem expressivamente a situações, imagens, palavras... Nem precisamos provocar: elas estão sempre reverberando vozes e narrativas (2020, p.69).

Desse modo, elas foram convidadas a representar a escola antes e depois da situação de confinamento. Elas se utilizaram dos registros pictóricos e das construções. Durante a elaboração, a maioria das crianças trazia à tona a narrativa, ora com movimentos presentes, ora silenciados pelo aperto dos lábios.

Em todos os desenhos representados antes da pandemia, é possível observar a presença dos amigos. Áreas externas, salas de aulas foram escolhidas para os registros na tentativa de representar a escola e a narrativa sobre alguma memória desse lugar vinha junto com os traçados, como que involuntários. Quando iniciaram os registros sobre a escola hoje em situação de confinamento, o computador aparece representado como sala de aula, os amigos surgem em videoconferências e as crianças também narram seus sentimentos e a saudade fica nítida. Comentam sobre a impossibilidade de sair, de ver os colegas, demonstrando estar bravos com o vírus que causou toda essa situação.

Ao realizarem as construções, optaram por materiais que já tinham em casa, como bloquinhos de Lego, monta-monta e até potes plásticos da mamãe ou objetos que possuem em casa. Escolheram construir a escola ou a sua própria sala de aula, inseriram bonequinhos dentro, bichos de pelúcia para representar os colegas e tudo o que viviam no coletivo.

- Bernardo Miguel – 6 anos

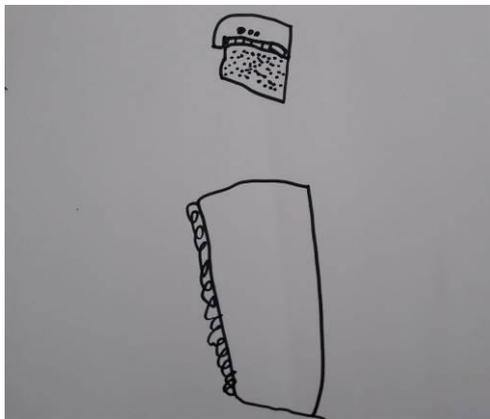
A escola antes da pandemia



“Vou desenhar a quadra nova. É o maior parque da escola! Vai caber direitinho aqui...Vai ter um monte de criança escorregando. Essa planta está igualzinha a lá da escola.

É porque se eu por toda escola vai ficar muito grande e vai ficar duas páginas. E também fiz essa parte, porque eu sabia que caberia e é o mais legal”.

A escola durante a pandemia



“Esse é o caderno que eu estudo e esse é o computador. É uma diferença!”

“A sala do primeiro ano é difícil de fazer, porque ela é comprida de largura. Com 47 bloquinhos acho que consigo fazer a do primeiro ano, acho que vou tentar. Se caber o leão tudo bem e o cachorro também tudo bem. Eu usei 8 em cada lugar e 5 na parede da porta”.

- Helena – 5 anos

A Escola antes da pandemia



“Símbolo do colégio, as plantas que tem na frente. Vou fazer eu e meus amigos”.



“Fiz a Manuela, a Gabi Coutinho e eu, porque somos um belo trio. Agora vou pintar!

A gente se dá super bem quando a gente brinca junto. A gente está olhando lá de cima. Estou pintando cada florzinha”.

A escola durante a pandemia



“Pra mim vai ser a mesma, porque eu sempre to ficando no lugar, no mesmo lugar. A minha ideia é que agora a escola está no computador, eu estou tendo aula pelo computador.

Meus amigos aparecem nos quadradinhos.

Vou fazer a Manu, a Gabi Coutinho, a Barbara...

Tem a professora Regina, a Teacher Rose, e você Edi”.

“Eu estou fazendo a escola que tem um montão de colunas, esses verdes que estou colocando. Essa é a minha escola e vou explicar cada cantinho da minha escola... aqui em cima tem o símbolo da minha escola”.

- Ana Clara – 6 anos

A escola antes da pandemia



“Aqui é a frente da escola e eu estou com minha amiga”.

A escola durante a pandemia



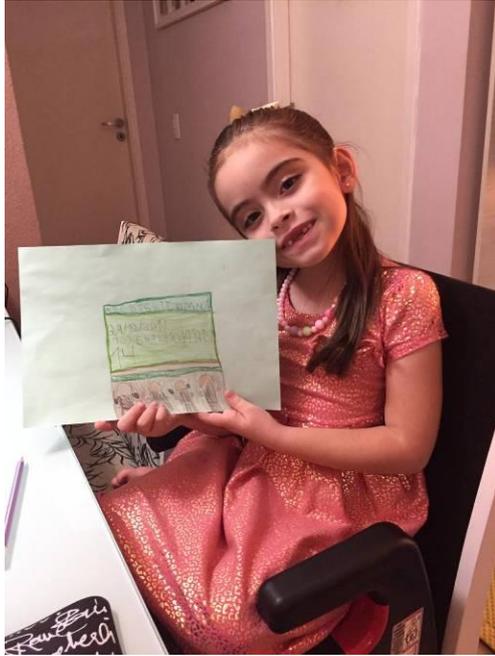
“A escola vazia. Vou desenhar ela por fora sem ninguém”.



“Estou fazendo a escola. Não tem teto. Ficou assim, porque cada negocinho desse é uma sala. Ela está vazia. Senão eu tinha ‘pudo’ esse bonequinho aqui, mas não tem ninguém. A culpa não é minha!”

- Giulia – 6 anos

A escola antes da pandemia



“Eu fiz assim... Eu na escola, eu dentro da sala de aula.

A lousa, o alfabeto e depois eu fiz os números do um até o 20. Aqui tem dois meninos e duas meninas. A primeira sou eu, o outro é o Matheus Pereira, a outra é a Carol, aí depois o último menino é o Matheus que é o gêmeo do Pedro. Esse dia que eu fiz é o 24/12/2019, que é um dia que me lembra o Natal que é bem perto do natal”.

A escola durante a pandemia



“Minha escola está vazia, porque o Coronavírus está pelo mundo todo. Quando a gente voltar às aulas significa que o Coronavírus vai ter acabado.”

Eu acho que era assim, eu desenhei os meus amigos, a prô e depois eu ia escrever assim. Aula de inglês.

A professora, eu o Felipe... cada uma pessoa está em um quadrado. O melhor jeito é encontrando os meus amigos como era antes, ir todos os dias e colocar uniforme”.



“O azul são os brinquedos. Roxa, a escola normal, vou colocar eles bem juntinhos e colocar a fita crepe. Daí eu ia colocar a folha e fazer o contorno (referindo-se a folha que desenhou a professora e os amigos). Vou fazer esse espaço como um arco íris, com flores”.

- Isabella – 6 anos

A escola durante a pandemia.



“Posso fazer a escola fechada?”

Eu fiz um x para pensar que a escola está proibida de entrar por causa do corona.

Papai, como se escreve: Corona está por perto?

Vou fazer as bolinhas porque é o corona”.



- Manuely – 6 anos

A escola antes da pandemia



“Desenhei o brinquedo para mostrar como fica a escola com crianças. O mais legal da escola são as brincadeiras”.

A escola durante a pandemia



“Desenhei a frente da escola para mostrar como ela está (fechada!)”.

6 CONCLUSÃO

Ouvir as crianças e estar em sua companhia é sempre um privilégio. De uma maneira muito simples e autêntica, elas nos mostram o que desejam e realmente necessitam para crescer de maneira saudável.

Neste caminho temos que assumir um papel muito importante e responsável, de lutar por elas e por contextos e envoltórios mais qualificados para que se desenvolvam e aprendam.

Como é bom estar ao lado delas! A alegria, o brilho nos olhos, o prazer de estar junto. Elas são transparentes e singulares.

Suas vozes apresentaram graça e verdade, sem encenações, pois é assim que olham para vida. Falaram o que sentiram no momento, expressaram-se da maneira que foi possível, diante do contexto atual em que estamos vivendo e seguem, como crianças, puras, cheias de vida e de esperança.

Apesar de observar mecanismos empíricos em alguns processos da escola por meio das falas das crianças, elas mostram, tanto em suas narrativas como em seus registros, uma visão bastante positiva sobre a escola, além de um sentimento muito profundo de afeto pelos espaços, pelos animais que fazem parte do lugar, pelos jardins, pelos colegas e professores. A maioria das crianças demonstra sentimento de pertença.

O tempo maior para brincadeira foi uma reivindicação de todas as crianças entrevistadas, apesar de reconhecerem a importância de intercalar com o tempo da sala de aula. O brincar na escola, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental precisa ser visto com outros olhos, não como 'perda de tempo'. Como destaca Alfredo Hoyuelos, é tedioso voltar a reivindicar a importância da brincadeira para a educação da criança. O currículo escolar rouba boa parcela do tempo da brincadeira das crianças, um tempo que elas necessitam verdadeiramente para interagir, se relacionar, se desenvolver e construir cultura.

Essa pesquisa talvez possa auxiliar na reflexão de novas ações desta e de outras instituições, levando-se em consideração o que é primordial para as crianças, talvez com mais oportunidades para que, amparadas pelos adultos, as crianças falem a respeito do que pensam, contribuam com suas ideias por meio de conversas, assembleias, espaços para tomadas de decisões coletivas e para a

escuta. Um processo educativo intenso, desafiador, mas que trará qualidade às relações, às experiências e às aprendizagens.

A linguagem do adulto é modelo a ser imitado, e são os adultos que repetirão, reformularão e expandirão o que as crianças dizem. Contudo, as crianças não aprendem apenas escutando, necessitam participar de situações comunicativas e ter oportunidades frequentes de usar (produzir) linguagem.

[...] Isto quer dizer que é através do uso da linguagem, e não por mera exposição, que as crianças construirão seus repertórios e formas de comunicação.

Sepúlveda e Teberosky (2016)

Neste contexto, os adultos também necessitam das respostas das crianças para fazer ajustes de rotas, para refletir sobre as suas práticas e conseqüentemente qualificar a comunicação e a interação com elas.

É preciso considerar que os tempos das crianças na escola são marcados por muitos sentimentos de prazer e alegria da companhia dos amigos e dos adultos, por momentos de exploração, investigação e de troca de experiências, portanto as suas vozes precisam ser escutadas verdadeiramente. Elas trazem na palavra a emoção e a possibilidade de maravilhar-se, sem medo ou receio experimentam da incerteza e do mistério. O meu desejo é que possamos acolher a beleza dos momentos que surgem inesperadamente ao lado delas e que muitas vezes nos comovem. Cenários dinâmicos de brincadeiras acolhem essa necessidade primária e por que não das crianças que também fomos um dia, basta-nos recordar a memória, uma lembrança que seja, será suficiente para que outras venham e possam de alguma forma ser recuperadas. Experiências que revelam quem somos e nos constituímos.

Possuímos verdadeiros tesouros guardados em nossas escolas: as vozes das crianças.

7 REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, Severino, TAVARES, Katia. **A poética da infância**: conversas com quem educa as crianças. Cachoeira Paulista, SP: Editora Passarinho, 2019

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, jan. 2002

BRASIL. Base **Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: < 568 http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf> (acesso em maio/2020)

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** /Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010a (acesso em maio/2020)

EDWARDS, Carolyn, GANDINI, Lella, FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: A abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre: Artmed, 1999

FREITAS, Anita Viudes C. **O adulto de referência nos espaços coletivos de educação e cuidado de bebês e crianças pequenas** (sem/d).

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças**: Escutas antropológicas e poéticas das infâncias. 1ª Edição. São Paulo: Panda Books, 2020

FRIEDMANN, Adriana. **Linguagens e culturas infantis**. São Paulo: Cortez, 2013

HOYUELOS, Alfredo, RIERA, María Antonia. **Complexidade e relações na Educação Infantil**. 1ª Edição. São Paulo: Phorte, 2019

LAMEIRÃO, Luiza Helena Tannuri. **Criança brincando! Quem a educa?** 2ª Edição. São Paulo: João de Barro, 2007

MACHADO, Marina Marcondes. **Merleau-Ponty & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010